

Chiara Mastroianni
'incorpora' o pai
em 'Marcelo Mio'

PÁGINA 4



Luiz Schwarcz é
premiado na Feira
de em Frankfurt

PÁGINA 6



Artistas periféricas
ressignificam
ícones suburbanos

PÁGINA 7



2º CADERNO

Amor incondicional pelo country

Por Affonso Nunes

Ringo Starr confirmou para janeiro, mais precisamente o dia 10 daquele mês, o lançamento de seu mais novo álbum de música country. Produzido e co-escrito por T Bone Burnett, "Look Up" terá 11 músicas originais, gravadas em 2024 em Nashville, a meca da country music, e Los Angeles. A faixa "Time On My Hands", que antecipa o trabalho, já pode ser ouvida nas plataformas de streaming.

Quem acompanha a carreira de Ringo sabe de seu amor incondicional pela música caipira estadunidense desde o tempo dos Beatles. O músico tocou e compôs várias canções de DNA country no período em que estava na banda tais como "Act Naturally" (no álbum "Help", de 1965), "What Goes On" ("Rubber Soul", 1965) e "Don't Pass Me By" ("White Album", 1968). Ele já trazia esse gosto desde sua antiga banda, a Rory Storm and The Hurricanes, quei integrou até ser chamado pelo produtor Brian Epstein para assumir as baquetas dos Beatles substituindo Pete Best.

Em sua carreira solo, Ringo também dedicou um álbum inteiro ao country. Trata-se de "Beaucoups of Blues" (1970), seu segundo trabalho após o fim dos Beatles.

Em entrevistas, Ringo contou que seu amor pelo country e pelo blues era tanto que chegou a tentar emigrar de sua Liverpool natal para o Texas quando ainda era adolescente, depois de ler que Lightnin' Hopkins (1912-1972), nome seminal do country blues, morava em Houston.

Nove das 11 músicas de "Look Up" foram escritas ou co-escritas por Burnett, uma por Billy Swan e a outra co-escrita por Ringo e Bruce Sugar. Ringo Starr cantou e tocou bateria em todas as músicas e co-escreveu o encerramento do álbum, "Thankful", com a participação de Alison Krauss.

Burnett recrutou alguns dos melhores e mais quentes talentos de Nashville para o disco, incluindo Billy Strings, Larkin Poe, Lucius, Molly Tuttle e a já mencionada Krauss.

Continua na página seguinte

Ex-beatle Ringo Starr confirma para janeiro lançamento de álbum totalmente dedicado ao gênero



CORREIO CULTURAL

‘Quando ele me trouxe nove músicas, eu sabia que tínhamos que fazer um álbum’



Divulgação TIFF

Selton Mello se disse surpreso com a notícia

Selton Mello nega sequência de ‘Lisbela e o Prisioneiro’

Selton Mello se pronunciou sobre uma suposta sequência do filme “Lisbela e o Prisioneiro”. Ele disse ter sido surpreendido com a notícia, que chamou de um ruído “desnecessário e desagradável”, e afirmou que o projeto não existe.

Mello relatou que, em meio à divulgação do filme “Ainda Estou Aqui”, foi “pego de

surpresa com o anúncio incorreto da continuação de um filme que amo e que o público guarda no coração”. “Anunciaram de uma forma atabalhoada e, por que não dizer, desrespeitosa: com as pessoas que fizeram o trabalho e com o público, que ama profundamente nosso filme”, disse em postagem nas redes sociais.

Dança

A UFRJ recebe entre os dias 23 e 27 o 3º Encontro internacional e interdisciplinar em Dança, Cognição e Tecnologia que reunirá mais de 30 participantes, entre coreógrafos, professores e pesquisadores. O evento terá palestras, oficinas e apresentações.

Exposição

Com curadoria de Lia do Rio, a Galeria Casa do Paulo Branquinho recebe a exposição Ideia e Processo, com a participação de 14 artistas que se destacam com suas diversidades criativas que atualizam as relações entre forma, cor, espaço e tempo.

Memórias

A pesquisadora e musicóloga Ermelinda Paz lança nesta sexta-feira (25) o livro “Uma Quase Biografia em Tom e Semitom” em que passeia por várias histórias, memórias e curiosidades. Destaque para uma entrevista com Tom Jobim.

Artista-robô

A artista robô Ai-Da, humanoide movida por comandos de inteligência artificial, será a primeira de sua categoria a ter uma pintura vendida na casa de leilões Sotheby’s. O retrato de Alan Turing (1912-1954), matemático britânico, será leiloado no dia 31.

O ex-beatle revela que seu novo álbum surgiu após um encontro casual com T Bone Burnett num evento em Los Angeles em 2022 - os dois se conhecem desde a década de 1970 -, quando Ringo pediu a Burnett que escrevesse uma música para um EP que ele estava gravando. Levando a tarefa a sério, Burnett retornou com nove músicas, todas em veia country, o que colocou Ringo no caminho para gravar “Look Up”: seu primeiro álbum country em mais de 50 anos e seu primeiro álbum completo desde 2019.

“Sempre gostei de música country. E quando pedi a T Bone que escrevesse uma canção para mim, nem pensei na época que seria um country. Mas é claro que foi, e era tão bonita”, rebobina Ringo. “Eu estava fazendo EPs na época e pensei que faríamos um EP country. Mas quando ele me trouxe nove músicas, eu sabia que tínhamos que fazer um álbum! E estou muito feliz por termos feito. Quero agradecer e enviar paz & amor ao T Bone e a todos os grandes músicos que ajudaram a fazer esse álbum. Foi um prazer produzi-lo e espero que seja um prazer ouvi-lo”, completa o ex-beatle que se mantém ativo na música aos 84 anos.

“Eu adoro Ringo Starr, sua maneira de tocar, seu canto e sua estética desde que me dou por gente”, diz Burnett. “Ele mudou a maneira como todos os bateristas depois dele tocavam, com sua abordagem inventiva do instrumento. E ele sempre foi um



Divulgação

T Bone Burnett recebeu o pedido de Ringo Starr para fazer uma canção e apareceu com 11

cantor de rockabilly matador, e também um cantor de baladas de partir o coração. Fazer estas músicas com ele foi como a realização de um sonho de 60 anos. Nenhum dos trabalhos que fiz em minha longa vida musical teria acontecido se não fosse por ele e sua banda. Entre outras coisas, esse álbum é uma forma

de agradecer por tudo o que ele proporcionou a mim e a nós”, devolve Burnett, se desmanchando em elogios ao novo parceiro.

Ringo Starr levará este repertório novo para Nashville quando for a atração principal do famoso Ryman Auditorium, nos dias 14 e 15 de janeiro do próximo ano.

Alile Dara Onawale/Divulgação

Será que desta vez vai?



São muito altas as chances de 'Ainda Estou Aqui', com Fernanda Torres e Selton Mello, conseguir indicações de melhor filme estrangeiro ao Globo de Ouro, Bafta, Oscar e outras premiações do início de 2025

Fotos/Divulgação



'A Semente do Figo Sagrado' (acima), coprodução Alemã-Irã, e o musical francês 'Emilia Pérez' são os maiores rivais do longa de Walter Salles em sua caminhada rumo à premiação em Hollywood



'Ainda Estou Aqui' tem chances reais de conquistar o Oscar de melhor filme em língua estrangeira. Veja seus principais concorrentes

Por Thiago Stilavetti (Folhapress)

Eu sei, é muito caipira falar do Oscar. Mas o prêmio máximo de Hollywood nunca saiu do sonho dos brasileiros, nem mesmo dos críticos. Na última sexta (18), a sessão para a imprensa de "Ainda Estou Aqui", dentro da programação da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, lotou uma sala inteira do Espaço Augusta como se fosse a própria pré-estreia para convidados.

A multidão de jornalistas e influenciadores não era apenas por

conta do diretor Walter Salles ou de seus atores, Fernanda Torres e Selton Mello. Era principalmente pelas altas chances de Oscar que o filme demonstrou desde que foi exibido no Festival de Veneza, em setembro.

A última vez que tivemos uma chance tão concreta de Oscar aconteceu há mais de 20 anos. Sem entrar na categoria de melhor filme estrangeiro em 2003, "Cidade de Deus" fez melhor: emplacou quatro indicações nobres em 2004, as de melhor diretor, fotografia, roteiro e montagem. Foi um golaço, numa época bem antes de "Parasita", em que era raro ver

filmes não falados em inglês concorrerem nas categorias principais.

"Ainda Estou Aqui" cumpre as altas expectativas que vem gerando. É a história de Eunice Paiva (Fernanda Torres), que em 1970 vê o marido, Rubens Paiva (Selton Mello) ser levado de dentro de casa pelos militares para nunca mais voltar.

É a história de uma ausência e da devastação que a ditadura causou naquela família e em outras tantas. Fernanda ocupa o espaço do apartamento da família Paiva no Leblon (zona sul do Rio) como se pisasse no palco, como uma Antígona incansável à procura do corpo do marido.

O que sabemos até agora: são muito altas as chances de o filme conseguir indicações de melhor filme estrangeiro ao Globo de Ouro, BAFTA, Oscar e outras premiações do início do ano que vem. Ao contrário de 1998, quando "Central

do Brasil" perdeu o Oscar para a "A Vida É Bela", desta vez não há outros favoritos absolutos. O candidato argentino, "Matem o Jôquei", é uma comédia de humor sinistro e delirante que não fez muito barulho na estreia em Veneza.

Nossos maiores rivais vêm da França - o maravilhoso musical "Emilia Pérez", sobre um traficante mexicano que decide mudar de gênero - e da Alemanha - "A Semente do Figo Sagrado", coprodução com o Irã que foi consagrada em Cannes. A Sony deve investir um bom dinheiro na campanha de "Ainda Estou Aqui", mas o representante francês tem o poder da Netflix por trás. A ver quem leva.

Uma vez sonhado o Oscar de filme estrangeiro, já nos permitimos outro sonho: ver Fernanda Torres indicada a melhor atriz 26 anos depois da mãe, Fernanda Montenegro.

Aqui a concorrência parece bem mais dura: tem Nicole Kidman ousando masoquismos em "Baby Girl", Amy Adams virando cachorro em "Canina", Angelina Jolie na ópera como Maria Callas, Demi Moore virando monstro em "A Substância", e por aí vai. Briga de cachorro grande, e falando inglês.

No papo com os jornalistas, Fernanda baixou a bola das expectativas. "O Oscar parece a fronteira final que nós temos que atingir. É importante, mas não é a medida de tudo. Não queria que todo mundo acabasse decepcionado [se não ganharmos]. Quando um ator brasileiro falando português é nomeado, ele já ganhou! Pode estourar a champanhe! Vai sem expectativas porque não vai levar!", disse. É o mesmo discurso que Fernanda mãe fez em 1998 antes de ir para Los Angeles. Como se vê, não tem como fugir do Oscar...

DNA Mastroianni

Filha do titã italiano encarna o pai no experimento afetivo 'Marcello Mio, que integra uma seção em tributo póstumo ao centenário do astro de 'A Doce Vida' na maratona paulistana

Divulgação



Chiara Mastroianni homenageia o pai mimetizando sua persona no longa experimental 'Marcelo Mio', de Christophe Honoré

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quem olha a foto ao lado pensa se tratar do mito Marcello Mastroianni (1924-1996), num clique colorizado de sua juventude, nos tempos de "La Dolce Vita" (Palma de Ouro de 1960), mas a pessoa em quadro é sua filha, Chiara, uma atriz premiada, fruto de seu relacionamento com a diva Catherine Deneuve.

A cena corresponde a um frame de "Marcello Mio", um arrebatador estudo sobre projeção (e sublimação), dirigido pelo francês Christophe Honoré. Vai ter sessão dele na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, na tarde desta terça-feira (22), às 17h, no Cinesystem Frei Caneca, e na quarta às 19h30, no Espaço Augusta 1.

Suas exhibições – rola mais uma na sexta, às 13h, também no Frei Caneca – integram

a seleção de títulos que o festival paulistano preparou para comemorar os 100 anos de Mastroianni.

O pacote inclui: "O Apicultor" (1986), de Theo Angelopoulos (quinta, às 16h, no Instituto Moreira Salles); "Olhos Negros" (1987), de Nikita Mikhalkov (dia 26, às 20h45, no Cinesystem Frei Caneca); "Três Vidas e Uma Só Morte" (1966), de Raúl Ruiz (dia 25, às 14h, na Cinemateca Espaço Petrobras); "Um Homem Em Estado... Interessante" (1973), de Jacques Demy (dia

28, 15h50, no Espaço Augusta); e "Viagem ao Princípio do Mundo" (1997), de Manoel de Oliveira, exibido no domingo pela última vez. É um painel nada óbvio dos feitos de um dos mais inquietantes astros da História.

"Sinto que todos somos um pouco Dom Quixote, no dia a dia certas ilusões são mais fortes do que a realidade", disse Mastroianni em "La Bella Vita", biografia escrita por Enzo Biagi.

É um livro que vasculha sua persona, a mesma que Chiara estuda e mimetiza em

"Marcello Mio", que fez sua estreia em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro.

Laureada na Croisette, em 2019, com o prêmio de Melhor Interpretação por "Quarto 212", de seu habitual parceiro Honoré, a atriz presta um lúdico tributo ao pai num filme no qual desconstrói sua identidade, trazendo antigos amores de seu passado (Benjamin Biolay e Melvil Poupaud) para a trama.

No enredo, Chiara enfrenta, aos 52 anos, uma crise pessoal e profissional ferrenha, cansada de ouvir por todos os cantos da França que é um clone de Marcello. Uma vez que a semelhança é tão feroz, ela decide viver como o mítico campeão de bilheteria italiano. Passa a se vestir como ele, passa a falar como ele. A incorporação de Chiara consegue ser tão convincente que as pessoas começam a acreditar e passam a chama-la de "Marcello". Em algum momento, contudo, essa metamorfose há de pesar sobre os ombros dela e de sua mãe, Catherine.

Em cartaz no Rio com "Inverno Em Paris", Honoré conversou com o Correio da Manhã, em terras francesas, sobre a performance de sua estrela assinatura.

"Meus roteiros existem para serem reinventados no set. Por isso, eu não ensaio, pois prefiro trabalhar com a matéria viva da descoberta. No caso de Chiara, ela é uma amiga e uma parceira de sets. Temos já afinção", explica o cineasta. "Com ela, eu tenho uma voz".

Memórias ancestrais

Sob as bênçãos dos orixás, "Dahomey", um documentário de 68 minutos feito entre o Benin, o Senegal e a França, pela atriz e cineasta Mati Diop, encontrou espaço nobre na safra autoral de 2024 ao conquistar o Urso de Ouro da Berlinale, em fevereiro. Escalado para representar o audiovisual senegalês na corrida por uma vaga na competição pelo Oscar de Melhor Filme Internacional do ano que vem, o longa-metragem agora arrebatou novos fãs em sua passagem

pela Mostra de São Paulo, onde terá exibição nesta terça, às 20h10, no Reserva Cultural, e na quinta, às 17h, no Cinesystem Frei Caneca. As projeções em terras paulistanas foram uma forma de expandir o prestígio de Mati e ampliar o espaço dessa investigação antropológica nos debates políticos sobre o sucateamento do relicário africano.

"Meu empenho com 'Dahomey' é expor as ramificações do colonialismo e apontar onde a violência é praticada", disse Mati ao

Divulgação



Ganhador do Urso de Ouro de Berlim, 'Dahomey' flagra luta pela preservação da memória africana

Correio da Manhã, na capital alemã.

Laureada em 2019 com o Grande Prêmio do Júri de Cannes de 2019 por "Atlantique" (lançado no Brasil via Netflix), Mati dá uma aula de geopolítica em "Dahomey, trilhando caminhos de fantasia. Seu roteiro é estruturado como a cartografia do tráfego de uma série de relíquias beninenses, surrupiadas por colonizadores europeus, de volta ao lar. Uma dessas peças, uma estátua chamada de Número 26, é quem narra a rapinagem histórica sofrida por populações da África, como se fosse uma entidade.

"É preciso restituir para reconstruir", disse Mati, ao falar do papel estratégico de sua narrativa, que será lançada no Brasil via streaming, na plataforma MUBI. (R.F.)

ENTREVISTA / SÉRGIO MACHADO, CINEASTA

'A magia do candomblé fez parte constitutiva da minha infância'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao mesmo tempo em que bomba no streaming, na grade da plataforma Max, com a série "Cidade de Deus, A Luta Não Para", da qual foi roteirista, o diretor baiano Sérgio Machado brilha nas telonas ao retomar os laços com a criança que um dia foi.

No dia 13, ele foi agraciado com o troféu Redentor de Melhor Documentário no Festival do Rio por "3 Obás de Xangô", no qual retrata a amizade (assunto principal de sua obra, vide "Cidade Baixa") entre três orixás da cultura: o compositor Dorival Caymmi (1914-2008), o artista plástico Carybé (1911-1997) e escritor Jorge Amado (1912-2001).

A narrativa reafirma a Bahia como território abençoado por ancestralidades africanas, resgatando vivências do realizador de "O Rio do Desejo" (2022) com sua meninice. O .doc será exibido pela 48ª Mostra de São Paulo nesta sexta, às 20h40, no Cinesesc, e no domingo, às 14h40, no Cinesystem Frei Caneca 3. É também na Mostra que Sérgio promove o lançamento mundial de sua primeira incursão em longas de animação: "Arca de Noé".

É óbvio que o Exu Mirim residente em seu coração circunda a aventura inspirada nos poemas infantis de Vinícius de Moraes (1913-1980). Com um elenco estelar de vozes, a saga de dois ratinhos marotos, Tom e Vini (interpretados só no gogó por Rodrigo Santoro e Marcelo Adnet), tem mais um par de projeções no evento paulistano:

“Durante as filmagens fui convocado por Xangô e, assim como Jorge, Caymmi e Caribé, pretendo me iniciar na religião”

Sérgio Machado

domingo, dia 27, às 15h45, no Espaço Augusta 2, e na outra terça, dia 29, no Cinesystem Frei Caneca 1, às 16h30. Anima o Brasil, Sérgio, mas responde a gente:

Qual é a Bahia que se reflete nas conversas e nos encontros dos três Obás e o que esse pedaço do Brasil traduz sobre a ancestralidade africana em nossa cultura?

Sérgio Machado: Muniz Sodré, que é um sociólogo brilhante e também um Obá de Xangô, diz que a Bahia recriada por Jorge, Caymmi e Carybé talvez seja mais cordial do que ela realmente é. Eles retrataram em suas obras uma terra é permeada de afetos, de tolerância

e solidariedade uma terra fortemente marcada por uma energia feminina. Eu sou baiano, fui criado em torno do Candomblé por conta da minha mãe, que era ligada à religião, e sempre fui rodeado por mulheres fortes, a quem aprendi a admirar. Na minha opinião essa Bahia que conhecemos hoje, foi 'inventada' pelas grandes mães de santo como: Mãe Senhora, Mãe Aninha, Mãe Stella, Mãe Olga do Alaketu. A conclusão a que eu cheguei no final do documentário é que os três não "criaram" uma Bahia, mas talvez tenha sido seus melhores tradutores. Eles receberam essa missão de Xangô e de Mãe Senhora, yalorixá do Ilê Axé Opo Afonjá, e levaram a tarefa adiante

com muito brilho.

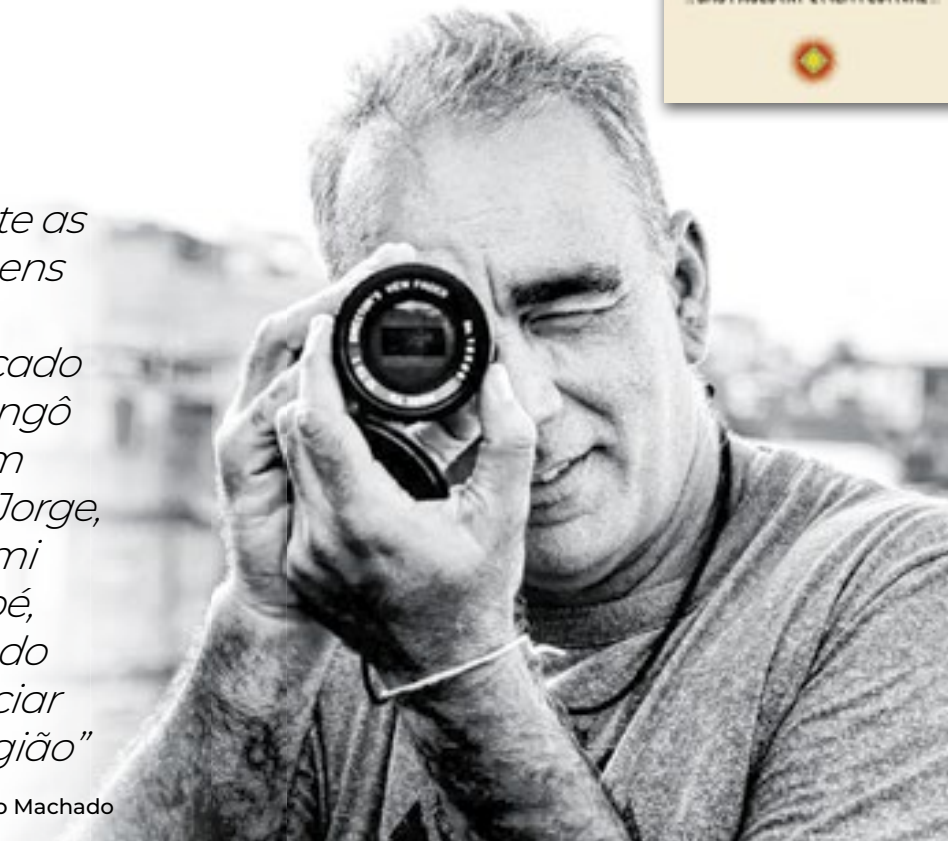
O quanto dessa Bahia do filme está em você? Qual é a sua Bahia?

Talvez os "3 Obás de Xangô" seja o filme que mais claramente reflete a minha vida e as coisas em que eu acredito. A Bahia que eu amo, é aquela que se criou em volta do Candomblé. A Bahia das mulheres fortes e poderosas, que cultua Oxum e Yemanjá, divindades das águas. Quando eu era criança minha mãe, Ieda Machado, participava ativamente da luta contra a intolerância religiosa em Salvador, era uma militante ativa e eu, que sempre fui muito grudado, participava de tudo com ela. Ela era muito ami-

ga de Pierre Verger, de Mãe Stella, de Olga do Alaketu, de Mãe Edenis e Makota Valdina, nomes fundamentais do candomblé da Bahia. Ela era madrinha de blocos afros e afoxés e desfilei neles desde criança. Ela morou um tempo na África e costumávamos receber africanos. Eu me lembro de que, quando era menino a gente costumava abrigar em casa refugiados africanos de diversos países e eu fui criado no meio disso tudo. A magia do candomblé fez parte constitutiva da minha infância e a adolescência, mas depois que terminei a faculdade e mudei para o Rio, e depois pra São Paulo, para fazer cinema, eu me distanciei um pouco. Esse filme para mim é também um reencontro com minhas raízes e com as lembranças da infância e com minha mãe. Durante as filmagens fui convocado por Xangô e, assim como Jorge, Caymmi e Carybé, pretendo me iniciar na religião.

Depois de uma bem-sucedida incursão documental, você se arrisca na animação. Qual e como foi o processo de aprendizado de "A Arca de Noé" acerca de novas formas de narrar?

Sérgio Machado: Uma das coisas que mais me atraem num projeto novo é que ele seja bem diferente do que fiz anteriormente. Gosto de me aventurar em novos formatos de correr riscos e experimentar. Nos próximos meses, por uma certa coincidência, vou lançar 5 projetos diferentes. Há um mês estreou a série "Cidade de Deus, A Luta Continua", inspirada no filme de Fernando Meireles, na qual liderei a equipe de roteiristas. Além de "A Arca de Noé" e "Os 3 Obás de Xangô", diz o .doc "Bahia Me Fez Assim", que traça um panorama da música baiana atual, e a série "Maria e o Cangaço", para o canal Disney+, que vai mostrar o cangaço e a saga de Lampião e Maria Bonita, a partir do ponto de vista feminino. Acredito que todas elas partem de um mesmo desejo de entender melhor esse país incoerente, violento e caótico que é o Brasil e da admiração que tenho pelo seu povo.



Divulgação

Luiz Schwarcz ganha prêmio em Frankfurt e defende que editores não são artistas

Por Walter Porto (Folhapress)

“Um editor ganhar um prêmio é um pequeno absurdo, uma inversão”, brinca Luiz Schwarcz enquanto toma Coca-Cola meia hora antes de subir ao palco na Feira de Frankfurt para receber os louros por uma carreira dedicada aos livros.

“De certa maneira, tudo o que eu procuro mostrar é que o mundo editorial é dos escritores, e a gente é um primeiro leitor intermediário entre dois polos importantes, eles e seus leitores.”

A fala é recheada de modéstia, mas adiantou com precisão o tom que o fundador e diretor do maior grupo editorial do país, a Companhia das Letras, procurou dar ao discurso que fez diante de alguns de seus principais pares no mundo.

Ele recebeu o prêmio Cesare De Micheli, honraria conferida por uma tradicional editora italiana há quatro anos, que pela primeira vez foi entregue durante a feira alemã, maior congregação de profissionais do livro do mundo, com presença de Juergen Boos, o diretor do festival.

Há sete anos, Schwarcz também levou um troféu pelo “conjunto da obra” na Feira de Londres, o outro grande evento do mercado editorial na Europa.

Fortes sinais de que está “ficando velho”, diz o homem de 68 anos, sorrindo consciente do clichê.

Antes de outros pormenores, é melhor adiantar mais do contexto de reflexão pelo qual passa o editor - ele está finalizando um livro sobre seu ofício chamado “O Primeiro Leitor”. Deve sair no próximo ano, se tudo der certo, e já sofreu alterações por sugestão de seus primeiros leitores.

Os editores, disse Schwarcz no palco desta quinta, são “os primeiros leitores de uma enormidade de emoções e de vulnerabilidades acumuladas no tempo da realização de um texto”.

“Antes disso, o que o escritor via à sua frente era uma tela sem nada ou uma página em branco”, continuou. “Na compreensão desse silêncio inaugural se funda a nossa profissão.”



Luiz Schwarcz participa de painel da Feira de Frankfurt

‘Publicar livros resume-se a atos ininterruptos de entrega aos escritores e aos leitores’

A carreira de Schwarcz se fundou nos anos 1980, quando ele já trabalhava na casa dos 20 anos em uma editora renomada da época, a Brasiliense. Levantou do chão a Companhia das Letras com sua parceira, a historiadora Lilia Schwarcz, com apenas 30 anos nas costas, em 1986.

Hoje a casa agrega múltiplas editoras, de especializações que vão da literatura infantil até o mangá. Desde 2018, seu controle majoritário é exercido pela americana Penguin Random House, o maior conglomerado editorial do mundo, em cujo estande o repórter encontrou Schwarcz sentado numa mesa nesta quinta.

Já faz uns anos que a atuação dele tem sido mais discreta. Fala com menos empolgação e

mais ceticismo das grandes feiras internacionais, com a voz se animando mais ao ressaltar seu papel em divulgar seus autores brasileiros pelo mundo.

Tem orgulho de já ter feito livros populares em feiras como “Boca do Inferno” de Ana Miranda, que mexeu com Frankfurt nos anos 1980, e hoje sai recomendando escritores como Geovani Martins e Jeferson Tenório, cuja carreira o canhão da Companhia ajudou a catapultar.

É o apreço de ser um editor com a mão “no papel”, para usar uma expressão sua, em oposição a chefes de conglomerado que ficam de olho só nos negócios - esse papel mais empreendedor, ele dividiu nos últimos anos com o jornalista Matinas Suzuki Junior, que

deixa a Companhia no final do ano.

Schwarcz diz com ternura ter feito comentários à primeira versão de “De Onde Eles Vêm”, novo romance de Tenório, apesar de reconhecer que raramente tem tempo para ler versões finalizadas.

O discurso dele em Frankfurt quis confrontar a ideia de que o editor é um artista, como já defenderam pares como o italiano Roberto Calasso. Esse termo, afirmou, deve ser usado “apenas para o trabalho dos escritores a quem dedicamos nossas vidas”.

“Publicar livros resume-se, em grandes linhas, a atos ininterruptos de entrega, entrega aos escritores e aos leitores.”

O editor lembrou um livro de Ricardo Piglia que leva um nome que rima com o do seu - “O Último Leitor”. Só que ali o argentino lembrava cenas inspiradoras de gente como Jorge Luis Borges e Che Guevara exercendo a leitura nas condições mais adversas.

“O último leitor é assim um herói”, arrematou Schwarcz no discurso. “Já o primeiro leitor é apenas um homem comum.”

Contemplada pelo Edital Sesc Pulsar 2024, a exposição “O Meu Lugar”, em cartaz no Sesc São Gonçalo, apresenta uma ressignificação do subúrbio fluminense através da diversidade de estilos e linguagens na produção das artistas visuais Agrade, Agrippina R. Manhattan, Arorá, Diambe, Joyce Olipo, Mariana Paraizo, Masina Pinheiro & Gal Cipreste e Renata Leoa. Oriundas de regiões suburbanas e periféricas do Rio de Janeiro, elas criaram diferentes formas de localizar aspectos do subúrbio na produção de uma arte contemporânea e brasileira.

Com curadoria e concepção de Julia Baker e Rafael Amorim, a mostra é de grande importância sócio-cultural ao traduz a trajetória pessoal desse grupo de artistas na arte, tais como experiências e memórias LGBTQIAPN+, direito à moradia, deslocamento, pertencimento, território e a reivindicação de imagens que não reforcem políticas de violência na representação de seus lugares de origem.

A partir do verso “o meu lugar...” na composição de Arlindo Cruz e Mauro Diniz, o projeto de curadoria, assinado por Julia Baker e Rafael Amorim, selecionou obras que dialogassem não apenas com os espaços nos quais esse grupo de artistas nasceram, mas nas suas relações de pertencimento e exclusão baseadas em narrativas críticas, vislumbrando tais territórios em amplos aspectos.

A exposição apresenta variadas camadas da própria ideia de subúrbio, propondo questionamentos como que outros subúrbios encontram-se escondidos naquele que conhecemos e quais corpos vêm sendo representados na história da arte quando se fala em subúrbios e periferias? “Como descentralizar as narrativas que subalternizam e exploram aquilo que não está no espaço chamado de centro?”, pergunta Julia Baker.

“Esse projeto é uma iniciativa que pretende expor as formas e discursos que compõem o terreno sensível de quem nasceu ou viveu

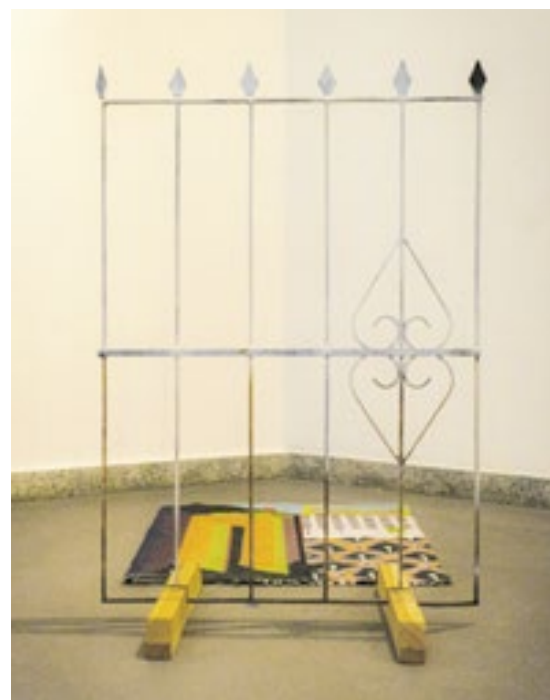


Divulgação

Em ‘O Meu Lugar’, em cartaz no Sesc São Gonçalo, nove artistas visuais expõem formas e discursos que compõem o terreno sensível de quem nasceu ou viveu em algum subúrbio no Estado do Rio de Janeiro

O subúrbio ressignificado

Com a exposição ‘O meu Lugar’, artistas visuais periféricas refiletem sobre pertencimento e exclusão em seus territórios



em algum subúrbio no Estado do Rio de Janeiro, registrando os percursos de artistas que apresentam seus territórios e interesses de pesquisa por meio de perspectivas menos literais, apostando na ressingularização de seus espaços, tendo a arte como uma das muitas urgências em suas trajetórias de vida”, reforça Rafael Amorim.

Na canção “Meu Lugar”, Arlindo Cruz entoa versos como O meu lugar/ É cercado de luta e suor/ Esperança de um mundo melhor / E cerveja para comemorar/ O meu lugar/ tem seus mitos e seres de luz/ É bem perto de Osvaldo Cruz/ Cascadura, Vaz Lobo e Irajá. O imaginário sobre os subúrbios e as periferias é comumente cercado de imagens caricaturais limitantes. “Criações pictóricas retratando esses estereótipos são frequentes na mídia e no campo das artes visuais, sendo compartilhadas sob a forma de corpos hipersexualizados, violência excessiva e, muitas das vezes, aludindo a uma felicidade típica. Visões que reduzem esses territórios a chaves de leitura simplificadas. Na canção, Arlindo Cruz afirma que existem mitos sobre o seu lugar, e esse mitos são retratados inúmeras vezes em uma história da arte não expandida”, explica a curadora. “No entanto, quando pensamos nas histórias das artes, vemos que a representação dos territórios recebe visões múltiplas, especialmente de corpos que habitam ou habitaram tal espaço de formas não convencionais. Com novas possibilidades, novas histórias se criam e o espaço do ‘Meu Lugar’ se transforma. Seja em termos concretos ou de representação”, completa.

O grupo de artistas de “O meu Lugar” reafirma o interesse poético e político de co-criar o que de mais plural há em nossos subúrbios.

SERVIÇO

O MEU LUGAR

Sesc Gonçalo (Av. Pres. Kennedy, 755 - Estrela do Norte) | Até 15/12, de terça a domingo (9h às 18h)
Entrada franca

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.